

UMA ANÁLISE DO PROGRAMA DE TRANSIÇÃO PARA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE LEON TROTSKY E SUAS REVERBERAÇÕES PARA O SÉCULO XXI

AN ANALYSIS OF LEON TROTSKY'S TRANSITIONAL PROGRAM FOR THE SOCIALIST REVOLUTION AND ITS REVERBERATION IN THE XXI CENTURY

*Daniel Porcel Bastos**

Resumo: Este presente artigo pretende suscitar o pensamento de León Trotsky acerca da Revolução Russa, as tarefas e proposições da IV Internacional Comunista, bem como o sistema capitalista à luz da década de 1930 na Rússia e Europa. Para tal, o objeto de estudo para análise e reflexão será o “Programa de Transição para a Revolução Socialista” em sua última formulação, no ano de 1938. O legado de Trotsky para a Revolução Russa, especialmente seu olhar crítico aos rumos da revolução em processo, apesar de invisibilizado pelo período de hegemonia stalinista, constitui importante contribuição ao pensamento marxista e a compreensão do capitalismo globalizado no século XXI.

Palavras-Chave: Revolução Russa; trotskismo; stalinismo; Programa de Transição para a Revolução Socialista; IV Internacional; Capitalismo; Globalização

Abstract: This article intends to share Leon Trotsky's thoughts about the Russian Revolution, the tasks and propositions of the IV Communist International and the capitalist system during the 1930s in Russia and Europe. Therefore, the object of study for analysis and reflection will be the “Transition Program for the Socialist Revolution” in its last formulation in the year of 1938. Trotsky's legacy for the Russian Revolution, especially his critical opinion about the direction of the revolution in process, although invisible during the period of Stalinist hegemony, constitutes an important contribution to marxist thinking, as well as the understanding of globalized capitalism in the 21st century.

* Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense; danielporcelbastos@gmail.com

Keywords: Russian Revolution; Transition Program for Socialist Revolution; trotskism; stalinism; IV Internacional; Capitalism; Globalization

Introdução

O Programa de Transição para a Revolução Socialista foi formulado por Leon Trotsky enquanto vivia no México (pois havia sido exilado do Estado soviético, a mando de Josef Stalin), no ano de 1938 e foi aprovado nesse mesmo ano em uma conferência clandestina no subúrbio de Paris - conferência esta que fundou o Partido Mundial da Revolução Socialista e a IV Internacional Comunista.

Com uma linguagem clara e objetiva, este documento escrito por Trotsky, por muitas vezes esquecido nos estudos sobre a revolução russa, pode ser considerado um dos marcos históricos de oposição de esquerda ao governo stalinista, crítico aos rumos da revolução russa liderada por Stalin, à social democracia e a ascensão do fascismo no mundo. Passadas duas décadas desde o início da Revolução Russa de 1917, o Programa de Transição se mostra em seu contexto político internacional como uma alternativa transnacional ao caminho que era traçado pela reacionária burocracia stalinista, na qual centralizava progressivamente o poder nas mãos de um só líder, Josef Stalin, compreendida como método para levar adiante a mobilização permanente das massas. Em sua última formulação, de 1937, observa-se claramente o caráter internacionalista da revolução socialista para Trotsky e para a IV Internacional, ao defender o ideal da Revolução Permanente em contraposição ao “Socialismo em um só país”, os quais serão tratados ao longo do texto.

Este breve artigo, longe de querer esgotar a discussão sobre revolução russa e trotskismo, busca instigar o leitor a perceber a atualidade do Programa e sua importância para compreender os rumos que a Revolução Russa tomava no pré Segunda Guerra Mundial e as tarefas da IV Internacional em um período de agonia do capitalismo. O Trotskismo difundiu-se no mundo contemporâneo em diversos movimentos e partidos políticos, não necessariamente seguindo a cartilha do Programa, e adaptando-se às diversas realidades e conjunturas nacionais e regionais.

A II e III Internacionais Comunistas sob a ótica trotskista

A necessidade de criação de uma nova Internacional Comunista urge da falência das diretrizes programáticas e da degeneração da II e III Internacional, por meio de tendências de grupos oportunistas, autoritários, burocratas, de caráter anti-revolucionário. A II Internacional, também conhecida como Internacional Socialista, entrou em colapso ao apoiar seus respectivos governos em nome do nacionalismo na Primeira Guerra Mundial e pela admissão de alianças com a burguesia para conseguir reformas sociais sem a necessidade de revolução, propostas pelas direções de tendências social-democratas que dirigiam essa organização. A vitória da Revolução Russa em 1917, entretanto, deu novo fôlego à luta revolucionária do proletariado e foi canalizada na fundação da III Internacional, desta vez

denominada Internacional Comunista, constituindo-se como um verdadeiro partido internacional da revolução socialista, liderado por Lênin. Contudo, a ascensão de Josef Stálin como líder da União Soviética, após a morte de Lenin, transformou esse organismo em um aparato contra-revolucionário de apoio à burocracia stalinista e novamente permitiu alianças pacíficas e coexistência com a burguesia e o imperialismo, até ser dissolvida por Stalin no ano de 1943, atendendo aos desejos de Inglaterra e Estados Unidos, aliados da URSS na Segunda Guerra Mundial. É necessário também ressaltar a dura crítica trotskista (que o levou a ser assassinado) ao autoritarismo sanguinário de Stálin, capaz de fazer operários assinarem confissões forçadas em que admitiam “traição” como base para sua própria execução, enviar cientistas e artistas aos milhares para campos de concentração e fazer milhões de camponeses e indígenas serem expulsos de suas terras. A máxima repetida pelos que não desejam associar qualquer socialismo ao stalinismo sempre foi e sempre será: “Stalin nunca mais”.

O programa de transição e as tarefas da IV Internacional Comunista

Nos 21 pontos elucidados por Trotsky em seu programa, pode-se perceber a atualidade das temáticas abordadas e o caráter internacionalista que inaugurará a IV Internacional no mundo tanto quanto às duras críticas ao stalinismo e a chamada “degenerescência burocrática” que tirou poderes das mãos dos operários e o concentrou na burocracia do Partido Comunista Soviético. Retomando as bases teóricas de Marx e dando continuidade à teoria revolucionária de Vladimir Lenin, o programa oferece um horizonte programático que tem como seus principais antecedentes o Manifesto Comunista e as resoluções dos primeiros congressos da III Internacional, enquanto Lenin ainda estava vivo.

O Programa de Transição, pois, propunha-se em servir de guia para responder a seguinte questão: como perceber e transformar um cenário pré-revolucionário em revolucionário? Esta ferramenta foi pensada por Trotsky para ser uma ponte de transição do capitalismo em agonia para um Estado socialista e revolucionário, a partir da mobilização e ação das massas trabalhadoras - os proletários do mundo. Nas palavras de Trotsky, “a IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa mínimo, na medida em que elas conservam alguma força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais. Mas conduz este trabalho diário ao quadro de uma perspectiva correta, real, ou seja, revolucionária. À medida que as velhas reivindicações parciais mínimas das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isto ocorre a cada passo – a IV Internacional faz avançar um sistema de reivindicações transitórias, cujo sentido é dirigir-se, cada vez mais aberta e resolutamente, contra as próprias bases do regime burguês. O velho programa mínimo é constantemente ultrapassado pelo programa de transição, cuja tarefa consiste numa mobilização sistemática das massas em direção à revolução proletária (TROTSKY, 2004, p.14-15).

É importante trazer à tona o conteúdo do item 12 do Programa, denominado “A luta contra o imperialismo e a guerra”, no qual pode-se analisar o papel da IV Internacional de opor-se por completo contra a guerra e o imperialismo frente ao Sistema Internacional e a iminência da Segunda Guerra Mundial. Segundo Trotsky, a burguesia e seus agentes tentam

enganar o povo por meios de abstrações e termos gerais tais como neutralidade, segurança coletiva, armamento para a defesa da paz, defesa nacional e luta contra o fascismo. Ao longo desse item, tenta-se compreender, revelar e distinguir o que há concretamente no fundo dessas abstrações fraudulentas. Dessa maneira, o termo “Defesa da Pátria”, é entendido pela burguesia como defesa dos seus lucros e reservas. Todas as instituições que agem pela defesa nacional, tratam de defender os interesses e privilégios da burguesia. As Forças Armadas, dessa maneira, só tornariam-se um instrumento de defesa da população quando passassem das mãos dos exploradores para se tornar um instrumento dos explorados. Trotsky assinala, portanto, a necessidade do proletariado de derrotar os próprios capitalistas nacionais e os impedirem de atacarem outras nações para assim estar capacitado de defender a pátria contra os capitalistas estrangeiros. O estabelecimento da paz passa pelo entendimento de que a guerra é uma gigantesca empresa comercial, principalmente para a indústria da guerra, e o primeiro passo na luta contra os fabricantes da guerra é o controle do operariado das questões acerca da Defesa Nacional. As reivindicações desse ponto são esclarecedoras:

Abolição completa da diplomacia secreta - todos os tratados e acordos devem ser acessíveis a cada operário e camponês; Instrução militar e armamento dos operários e camponeses sob o controle imediato dos Comitês operários e camponeses; Criação de escolas militares para a formação de oficiais vindos das fileiras dos trabalhadores, escolhidos pelas organizações operárias; Substituição do exército permanente, isto é, de quartéis, por uma milícia popular em ligação indissolúvel com as fábricas, as minas, as propriedades rurais, etc. (TROTSKY, 2004, p.47)

Segundo Josef Weil, era a sistematização teórica, programática, e também um método para a época imperialista, quando não era mais possível trabalhar como fazia a social democracia, com um programa mínimo de reformas parciais, deixando para um futuro remoto a questão do socialismo e da derrubada do capitalismo. Era necessária uma plataforma de transição entre as lutas mínimas e democráticas e a questão do poder (WEIL, 2004, p.6).

Especialmente no terceiro item do Programa, denominado “Programa Mínimo e Programa de Transição”, Trotsky tece duras críticas à social-democracia clássica. Em suas palavras, a social-democracia

[...] dividia seu programa político em duas partes independentes uma da outra: o programa mínimo, que se limitava a reformas no quadro da sociedade burguesa e o programa máximo, que prometia para um futuro indeterminado a substituição do capitalismo pelo socialismo. Entre o programa mínimo e o programa máximo não existia nenhuma ponte. A social-democracia não tinha necessidade dessa ponte, pois, de socialismo só falava em dias de festa (TROTSKY, 2004, p. 25).

Interpretando Trotsky para os dias atuais, pode-se dizer que nos tempos de crise, a social-democracia não hesitará, como jamais hesitou em aliar-se com os setores financeiros internacionais seguindo as ações da burguesia nacional que lhe sustenta para aplicar duras medidas econômicas de austeridade aos trabalhadores.

Teoria da Revolução Permanente *versus* Socialismo em um só país

As críticas ao stalinismo e aos rumos que tomava à URSS na época de construção do Programa tem seu principal embasamento teórica na obra de Trotsky “A Revolução Permanente”, produzida no ano de 1929 e diretamente ligada à Teoria da Revolução Permanente, conceito primeiramente elaborado por Marx e Engels. As divergências entre Trotsky e Stálin transcendem o âmbito pessoal e o autoritarismo sanguinário stalinista, mas também se concentram no embate entre a teoria stalinista de ‘Socialismo em um só país’ e o ideal internacionalista de Trotsky. Enquanto a tese de Stálin sustentava que um país atrasado como a URSS poderia defender e desenvolver o socialismo sem que o sistema imperialista fosse derrotado no resto do mundo, a Teoria da Revolução Permanente propunha a construção de um socialismo em escala internacional, principalmente nos países onde capitalismo estava em crise, ou seja, a periferia do Sistema Internacional capitalista. Afirmava, portanto, a inviabilidade da vitória do regime socialista na URSS caso não ocorressem revoluções socialistas em outros países, uma vez que um Estado socialista solitário não seria capaz de resistir contra a hostilidade do mundo capitalista.

Entendendo o recorte histórico e regional em que o Programa de Transição foi formulado, antes da segunda guerra mundial, pode-se compreender a relevância deste documento não só na URSS stalinista e na Europa ameaçada pelo nazi-fascismo, mas também nos países do Sul e historicamente amarrados às garras do imperialismo, como na América Latina, Ásia e África. Não se trata de repetir suas caracterizações, suas consignas e prognósticos, mas absorver sua essência, como fizeram o argentino Nahuel Moreno, o belga Ernest Mandel, e outros diversos teóricos mundo afora.

As reverberações para o século XXI em tempos de agonia do Capitalismo

A complexidade da conjuntura do capitalismo mundial no século XXI representa de fato dificuldades para explicações completas e profundas por todas as correntes de pensamento, embora o legado deixado por Marx, a teoria revolucionária de Lenin e o internacionalismo de Trotsky sejam essenciais para compreender a realidade atual a partir de uma visão da luta de classes mundial.

O capitalismo em agonia explicado por Trotsky em seu Programa de Transição é o mesmo, porém distinto e transformado, visto que a decadência do sistema representa a maior crise do capitalismo, fruto de diversas crises combinadas: econômica, política, ambiental e social. A concentração de capital progressiva nas mãos de grandes corporações afasta cada vez mais o 1% mais ricos dos outros 99% representantes da sociedade mundial. A globalização neoliberal, a mundialização da produção das multinacionais e a precarização das relações de trabalho são responsáveis pela fragmentação da classe proletária que atualmente se vê impossibilitada de responder com uma organização internacional como se propôs a ser a IV Internacional. Entretanto, seria negligente fechar os olhos às importantes e combativas mobilizações anticapitalistas e antiglobalização que surgem a cada dia em todos os conti-

nentes do mundo, principalmente após a crise econômica mundial de 2008, que levou milhões às ruas e nutriu novas experiências políticas, como as manifestações de Junho de 2013 no Brasil que contou com a participação de movimentos e partidos políticos de tendências trotskistas, o surgimento do movimento dos Indignados na Espanha, que desembocou no partido político Podemos, assim como na Grécia emergiu o Syriza. Para além do entendimento que os tempos são outros, e isso não pode ser negado, é essencial perceber que a agonia do capitalismo é crescente e é tarefa dos novos movimentos políticos e principalmente da juventude pensar coletivamente estratégias e proposições que ousem construir um novo mundo junto às massas trabalhadoras e adaptado às particularidades de cada sociedade. A palavra de ordem fundamental continua a ser: Proletárias e proletários do mundo, uni-vos!

Referências Bibliográficas

WEIL, Josef. Prólogo. In: **Programa de transição**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2004.

TROTSKY, Leon. **Programa de transição**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2004.